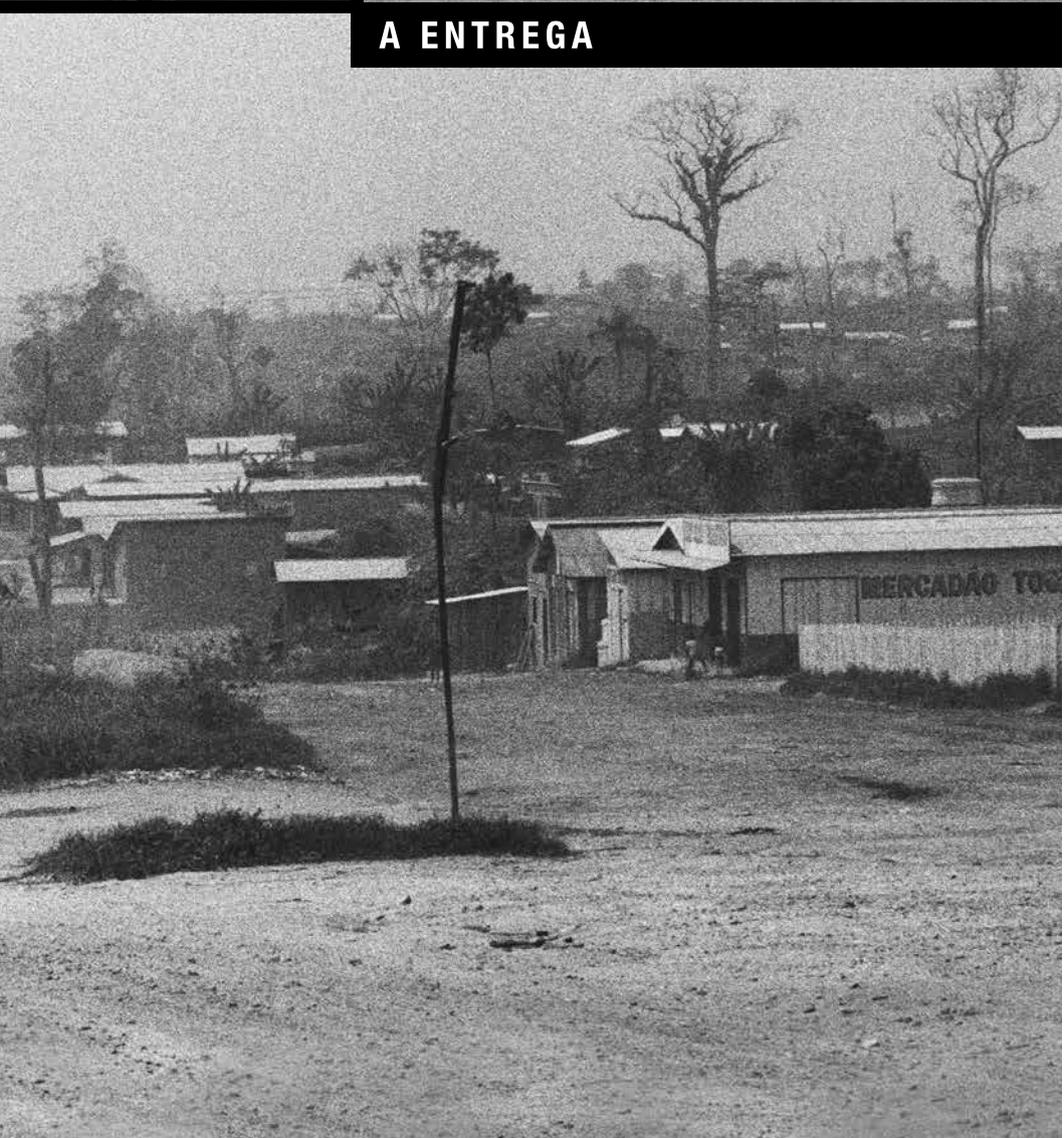




A ENTREGA



Ayara teve de se apressar e acabar de montar a rede antes que a Dra. Darcinta de Pedro Tomaia mandasse apagar o lampião. Escolheu o canto mais distante da entrada daquilo que era a escola no km 2: um barracão de madeira, com telhado de cavaco, duas janelas que mal fechavam e uma porta, que Dra. Darcinta trancou cuidadosamente com um cadeado que tirou da bolsa.

O cadeado era o objeto menos inesperado a sair da bolsa da doutora. A ele se seguiu o revólver calibre 38, que ela colocou ao lado das havaianas antes de começar a enfiar seu enorme corpanzil dentro da rede.

Dra. Darcinta, juíza itinerante do Pará, com poder de resolver de tudo: briga por terra, briga por mulher, roubos e assassinatos. Seu trabalho é percorrer os cantos abandonados do interior e, eventualmente, até conseguir um pouco de justiça nessa região esquecida por Deus.

Ayara não resistiu ao convite para acompanhar essa mulher que, por fora, era uma perfeita tia solteirona do interior – matrona, de saia comprida azul-marinho e blusa branca de poliéster –, mas que, como uma lagarta, se transformava na justiceira do nortão quando colocava o 38 em cima da mesa e começava a despachar, mandando o povo aguardar a vez em silêncio.

As audiências eram nos lugares mais incríveis: barcos, mesas de escola e até embaixo de castanheira. O calor parecia não atingir as gorduras que se apertavam em volta do cinto, onde o revólver descansava quando as audiências acabavam.

O 38 ia para o banho no igarapé, para o almoço no botiquim e para a missa na igreja.

Dra. Darcinta: calma, destemida e decerto completamente louca, essa era a conclusão de Ayara quando chegaram

ao km 2, a terceira parada da juíza nessa viagem.

O km 2 ficava ao lado do entroncamento da PA 150, que vem de Marabá, com a PA 257, que segue para Serra Pelada e Carajás. A areia e o barro amarelos marcam o vazio do que antes era floresta fechada. Em 1988, passou a ser chamado Eldorado dos Carajás. O Eldorado jamais se materializou, e o lugar continuou a ser conhecido apenas como km 2: a parada, o purgatório onde as pessoas ficavam esperando transporte ou para fugir do inferno ou para ir para o paraíso – dependendo do lado da estrada onde se encontravam.

Rumo a Carajás e Serra Pelada, seguiam os sonhadores. Do lado oposto, a realidade: garimpeiros blefados, sem dinheiro nem para chegar a Marabá, prostitutas doentes com malária e crianças de barrigão de vermes e olhares perdidos.

Em pouco tempo, o sonho de fugir ia se dissipando, e a miséria aprisionava. Aos poucos, foram chegando os homens de Deus – adventistas, batistas, metodistas e até católicos –, plantando suas igrejas na beira da estrada como se fossem sementes de melancia. Igrejas, prostitutas e violência nunca faltaram na Amazônia.

Quando chegaram, já na boca da noite, tudo o que se conseguia ver eram alguns barracos à beira da estrada, duas biroskas e meia dúzia de bêbados jogando conversa fora à luz de vela.

Instalaram-se ali, na única escola, que ainda não conhecia professor. Seria tribunal, hotel e cozinha nos próximos dias.

“Boa noite, tenham um bom descanso.”

“Boa noite, doutora, vou apagar o lampião”, disse o soldado Nonato, jovem tímido, recém-entrado no serviço militar, que as acompanhava como segurança. O corpo atlético contrastava com as espinhas de um rosto ainda adolescente. Seus olhos não escondiam a admiração que sentia pela doutora.

“Durmam bem”, Ayara completou. Ainda de pé, continuava sua batalha com o mosquito de rede, agora mais difícil com a luz fraca da lanterna.

la ser mais uma dessas noites mal dormidas, “tão úmida que peixes nadavam no ar”, como escreveu Garcia Marques. Passou os próximos minutos divagando se a frase era exatamente esta ou não. Como seria bom reler Cem anos de solidão agora!

Ayara fez os últimos ajustes no mosquiteiro e apagou a lanterna. Ficou se lembrando de outras frases de Garcia Marques para enganar o desconforto da dormida. Acordou sobressaltada com uma batida forte na porta.

“Ó de casa! Abre esta porta aí!”

Ayara pulou fora da rede. Nonato, meio tonto, tentava achar o fuzil. Dra. Darcinta, sabe Deus como, já estava de pé em suas havaianas e com o 38 em punho, quando perguntou com voz firme:

“Quem é?”

“Sou Jonair, caminhoneiro. Me disseram que aí tem uma autoridade.”

“Estou armada e tenho segurança comigo”, ela falou enquanto pegava a chave do cadeado.

Ayara sentiu um arrepio subir pelas costas.

Dra. Darcinta mantinha seu eterno senso de humor. Sussurrando, dirigiu-se ao segurança:

“Nonato, fica atrás de mim. Sou mais velha, feia e solteirona. Se morrer, não faço falta.”

Ela ainda conseguia brincar...

“Deve ser outra dessas brigas de marido e mulher que a gente vive apartando”, Dra. Darcinta completou enquanto abria a porta. Do lado de fora, a silhueta do caminhoneiro e sua voz trêmula:

“Tô desarmado. Num tenha medo, dona. Tenho de entregar aquilo pra alguém. Tá ali, em cima do toco. Tava no lado da estrada, perto do entroncamento. Tá entregue. Vou me embora daqui e esquecer que vi isso um dia!”

Jonair saiu quase que correndo, sem nem dar tempo de ouvir uma resposta. Seu caminhão tinha ficado com o motor e faróis ligados. Pulou na boleia e arrancou.

“Nonato, pega a tua lanterna. Vamos ver o que é isso.”

Ayara seguiu os dois. Custou um pouco a entender o que estava em cima do toco. Parecia uma bola, mas sabia que não era. Nonato foi o primeiro a chegar lá.

“Doutora, que São Jerônimo nos potreja!” Nonato cobriu a boca com a mão direita e saiu caminhando de costas em direção à escola.

Ali, no toco, estava uma cabeça humana. Um pouco de barro encobria parte do rosto, e os cabelos estavam grudados. Não dava para ver se era sangue seco ou lama. Formigas saíam das narinas em fila indiana.

“Precisamos levar isso pra dentro, senão um bicho pode vir atacar. Vai ver se acha algum jornal lá na escola, Nonato.”

“Darcinta, tenho um lençol que uso para me cobrir na rede. Vou buscar.” Ayara saiu correndo. Ela tinha de se ocupar, pensar. Em um minuto, estava ao lado do toco com o lençol.

Nonato pela primeira vez não tinha obedecido à doutora. Seu pânico mostrava a inexperiência dos seus dezoito anos. Conseguiu caminhar até a porta do barraco, mas dali não se movia, só soluçava. Darcinta foi em direção a ele, falando bem baixo: “Se acalma, menino, morto não atira nem morde.”

“Darcinta, vou pegar a cabeça com as pontas do lençol para embrulhar.”

“Você consegue?”

“Acho que sim.”

Ayara nunca tinha sequer pensado que veria uma cabeça decepada. Os olhos estavam semi-abertos. Não tinha mais sangue escorrendo. Ela colocou a lanterna no chão. A noite estava sem lua e escura. A pouca luz a fazia pensar que, de repente, aquilo ali não era uma pessoa. Era uma escultura, um trote. Mas quando suas mãos levantaram a cabeça, o peso tirou essa ilusão: era o que restava de alguém.

Nonato estava vomitando e dando trabalho para a doutora.

Ayara se sentou no chão, ao lado do lençol. Pegou a lanterna e focou: um rosto inchado, deformado, irreconhecível;

olhos vitrificados pela morte, lábios entreabertos com um pouco de terra saindo da boca, cabelos longos. Duas baratas marchavam com determinação rumo ao lóbulo da orelha esquerda. Quando focou para acompanhar as baratas, seu coração disparou. Um brinco... A borboleta? Afastou o cabelo enlameado. Era ela. O azul do esmalte mal aparecia debaixo da crosta escura de sangue pisado. Karl...

Mataram o Karl!

13-08-1990

